



Estorias pornotópicas: fabulando intimidades

Historias pornotópicas: fabulando intimidades

- E4_07 Fabular Arquiteturas: reescrever a história e reaver futuros

André Luis Carrilho

Universidade Federal da Bahia, Brasil
carrilho.and@gmail.com

Ariadne Moraes Silva

Pós-Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/UnB
Universidade Federal da Bahia - Brasil
ariadnemoraes@gmail.com

Resumo: O texto compartilhado foi uma experiência em fabular arquiteturas, provocado como resultado de uma disciplina de pós-graduação, fazendo parte da pesquisa de doutorado, em que investiga pessoas LGBTIA+ que, com a crise pós-COVID19, passaram a trabalhar hackeando os meios de produção, explorando as plataformas para monetização da intimidade. Esse processo atravessa toda a maneira como habitam seus espaços domésticos e, essa exposição, os constituem como casa/trabalho/midiatização. A produção desta fabulação se deu a partir de uma conversa exploratória online com um dos usuários do onlyfans e que depois se tornou personagem ficcionado (I3O); o trabalho se fundamenta em autores(as) como Sadiya Hartman, Donna Haraway, Paul Preciado, uma prática Marx-feminista-ecossocialista-cuír de criar histórias outras e fazer com responsabilidades. Observa-se inclusive como essa investigação fabular é uma abordagem em si do fazer científico, a compreendendo como uma maneira de fazer ciência, ultrapassando o método, quando toda a pesquisa sofre uma interferência decisiva desse fazer, seja em tratar as informações obtidas, ou a maneira como esses dados são explorados. No caso deste trabalho, o papo inspirou a forma como o texto seria articulado, similar a sessões de terapia, já que foi compartilhado que essa aproximação parecia ter este efeito. Costurou-se ficção com teoria (fabulação e pornotopia), mas também especulações futuras dos espaços da arquitetura e das cidades. Foi-se associando os assuntos a um futuro pornotópico em que as relações sociais não mais se dariam em/como dispositivo protético externo ao corpo, o espaço e as tecnologias digitais. Uma superação espacial e política das maneiras que constituem nossos corpos e consciência, uma ficção espaçopornopolítica desses corpos, um devir-biotecnopornoeroticus, nos colocando como ... nós somos

nossa casa, somos política, somos, pelo menos, parte da maneira de se estabelecer espacialmente e sexualmente nos campos entre consciência e inconsciente, fabulando/compreendendo histórias outras.

Palavras-chave: Fabulação, pornotopia, gênero e sexualidade, onlyfans.

Resumen: *El texto compartido fue un experimento de arquitecturas fabulosas, provocado como resultado de un curso de posgrado, que forma parte de una investigación doctoral, en el que investigo a personas LGBTIA+ que, con la crisis pos-COVID-19, comenzaron a trabajar hackeando los medios de producción, explorando plataformas para la monetización de la intimidad. Este proceso permea toda la forma en que habitan sus espacios domésticos y, esta exposición, los constituye como hogar/trabajo/mediatización. La producción de esta fabulación surgió de una conversación exploratoria en línea con una de las usuarias de OnlyFans que luego se convirtió en un personaje ficticio (I3O); la obra se basa en autores como Sadiya Hartman, Donna Haraway, Paul Preciado, una práctica marxista-feminista-ecosocialista-queer de crear otras historias y hacerlo con responsabilidad. Incluso se observa cómo esta investigación fabular constituye una aproximación a la práctica científica en sí misma, entendida como una forma de hacer ciencia, trascendiendo el método, cuando toda investigación se ve decisivamente influenciada por esta práctica, ya sea en el tratamiento de la información obtenida o en la forma de explorar estos datos. En el caso de este trabajo, la conversación inspiró la forma en que se articularía el texto, similar a las sesiones de terapia, ya que se compartió que este enfoque parecía tener este efecto. La ficción se entrelazó con la teoría (fabulación y pornotopía), pero también con especulaciones futuras sobre los espacios de la arquitectura y las ciudades. Los temas se asociaron con un futuro pornotópico en el que las relaciones sociales ya no ocurrirían en/como un dispositivo protésico externo al cuerpo, el espacio y las tecnologías digitales. Una superación espacial y política de las formas que constituyen nuestros cuerpos y nuestra conciencia, una ficción espacio-pornográfica de estos cuerpos, un devenir-biotecnopornoerótico, posicionándonos como... somos nuestro hogar, somos política, somos, al menos, parte de la manera de establecernos espacial y sexualmente en los campos entre la conciencia y la inconsciencia, fabricando/compreendiendo otras historias.*

Palabras-clave: Fabulación, pornotopía, género y sexualidad, OnlyFans.

Introdução

Este artigo pode-se compreender como um devir tese, ele é parte da investigação de doutorado em que tem colocado a fabulação a servir de abordagem científico teórica, de interpretação e de criação de espaços, e acima de tudo das relações entre eles e vida em si de pessoas LGBTI+. O trabalho foi elaborado a partir dos encontros de uma disciplina ministrada no Programa de Pós-graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/UFBA), do qual nós autores fazemos parte como doutorando e orientadora, foi uma espécie de oficina concentrada, uma imersão para nos envolver completamente das referências e do processo de fabulação que vem sendo desenvolvido e aprimorado por inúmeros autores.

O trabalho teve como objetivo fabular espaços arquitetônicos, a luz das teorias, diversas delas, do campo do conhecimento que abarca a disciplina da arquitetura e da cidade, mas também filosófica, política, ético/estética, da crítica e também dos efeitos artísticos que permitem ao trabalho ampliar o que é levantado e dar condições propositivas de imagen/ação na perspectiva de um protagonismo cartográfico ao resultado, quando se mapeia uma estória outra para uma pessoa dissidente sexual, no caso deste trabalho, o que no da tese é de constituir estórias outras para espaços outros, para heterotopias pornopolítica ficcionais.

Essa investigação começa se debruçando sobre os textos que tinham influência de Deleuze Guattari sobre a fabulação, depois sobre os deles, posteriormente vai se alinhando com autorias mais contemporâneas que tem se desenhado pelas mesmas características, a oficina foi muito importante para inclinar a pesquisa, para um exercício propositivo e não mais de leitura e absorção das escritas que fazem uso dessa abordagem. Acredita-se mais importante que esse processo foi a leitura do texto que provocou a investigação, o que no início se fazia entender como uma forma de fazer ciência, o texto que inaugurou essa curiosidade/possibilidade foi *Um teto todo seu* de Virginia Woolf.

Esse texto, pode ser coincidência ou não, foi o que influenciou o dono da Playboy a revista pornográfica que foi o tema de estudo do Paul Preciado para sua tese em arquitetura e urbanismo, e que foi vendo uma entrevista do Hafner dizendo isso, que o fez se interessar por fazer também essas conexões, um texto que é para além de um ensaio que analisa a vida das mulheres que fizeram literatura e suas condições para o fazer, esse trabalho é um marco de crítica social, política, econômica, é um dos mais importantes sobre gênero e sexualidade, mas sobretudo do feminismo e dos estudos queer.

Para a atividade que resultou no texto aqui apresentado, às professoras que mediarão a disciplina sugeriram colher as informações através de um diálogo quase como uma entrevista com alguém que fornecesse uma estória baseada na oralidade, diferente do exercício de tese que tem sido coletado dados pelas plataformas de midiaticização da vida e de redes sociais, analisando conteúdos visuais, mapeando perfis e espaços, neste caso se buscou através de uma videochamada, uma conversa guiada por algumas perguntas bem simples para deixar o usuário do onlyfans e privacy à vontade para expressar suas razões de fazer as suas imagens públicas, como a pesquisa já está em andamento, a experiência de um pesquisadores deu algum suporte para entender o que tinha em comum entre as informações ali obtidas e outras que vinham sendo coletadas, mas o que foi muito interessante foi justamente como o desenrolar da conversa serviu para posteriormente ser útil na forma de contar aquela história diretamente

A fabulação assim indo além de uma método ou instrumento, mas sim ela sendo a direção da pesquisa como um todo, ela é o meio e o fim em si de como está investigação se desenvolve. A fabulação serve na maneira como é escolhido os instrumentos, ela modela os dados, e ela colabora com questões como a proteção da identidade de quem forneceu esses dados. Além de através do pacto ficcional que se estabelece com esse tipo de abordagem, a fabulação conectar informações de diferentes personagens e ou mesmo de naturezas diversas, como espaços, pessoas, teorias, e assim, ela costura tudo que é levantado através de diferentes formas e ainda cria, preenchendo lacunas que colaboram para formar um diagnóstico daquele contexto que está se inclinando como objeto científico.

Com quem fabulamos

Um seletivo grupo de pesquisadores se reuniu em uma espécie de simpósio proposto para pensar a ciência a partir da fabulação especulativa, Donna Haraway, Anna Tsing e Viviane Despret fizeram parte desse grupo, as três tem se destacado de forma muito significativa no fazer fabulacional científico, uma delas através de uma experiência interpretativa das linguagens e da comunicação multiespécies, outra dos conhecimentos adquiridos quando se vive nas ruínas, e por último uma delas nos convida a ficar com o problema e fazer com respons/Habilidades e assumir os dilemas do capitaloceno/antropoceno/Chthuluceno.

Todas elas têm seguido uma corrente de articular o presente, o passado eo futuro num emaranhado de informações sobrepostas analíticas e complexa, que tem em comum o compromisso com tirar das questões que a ciência vem abordando com um viés, em que defende uma neutralidade, movimento que não passa de uma apropriação do poder que a ciência constitui nas possibilidades de enunciação, elas têm defendido um compromisso situado, um olhar muito bem posicionado.

Esse contramovimento se aproxima muito do trabalho da Saidiya Hartman com o que ela chama de fabulação crítica, que também vem fazendo esse uso científico para deslocar o protagonismo de uma figura hegemônica e reposicionar os olhares para perspectivas desconfortáveis, no caso dessa revisitando registros e reescrevendo a história, e enquanto o faz, a escrita condiciona as interpretações, de forma crítica ao colonialismo, ao processo de escravização de pessoas pretas raptadas de África em que resultou no racismo estrutural e consequentemente científico.

Neste exercício embebido das condições que essas autoras e outros já aqui mencionados nos inspira como a escrita criativa e especulativa nos permite analisar os acontecimentos presentes e contemporâneos vão gerar possíveis espacialidades, e também observar as tendências que vêm sendo gestadas na produção da arquitetura da cidade e da paisagem, para compreender o texto que segue, apresenta-se alguns informes importantes:

- Optou-se por fazer as referências em formas de notas de rodapé para manter o texto mais fluído e sem as barreiras que um sobrenome e data fora do contexto da estória causariam.
- fazer uso de ironia, e de figuras de linguagens que produzem sensações e sentimentos de quem lê, este trabalho tem por intenção afetar o leitor e o campo do conhecimento.
- Algumas regras de formatação foram adaptadas para que se diferencie a estória criada do restante do trabalho.

CONTOS E CRÔNICAS DE EXPOSIÇÕES ESPACIAIS:
estórias pornotópicas

- PRIMEIRA SESSÃO -

IE0 nosso protagonista está preocupado, vem tendo episódios de uma série de sentimentos que a muito nossa organicidade não demonstrava, acreditávamos ter superado essas experiências de angústias que eram causadas pelo sistema dos meios de produção que esteve vigente por séculos. Particularmente, ainda acredito termos superado o sistema e essas angústias, mas a muito tempo isso era conhecido como uma espécie de experiência, denominada ansiedade, um contexto de sofrimento que chegou em algum momento ser inclusive chamado de doença¹.

Ele procura sessões de terapia como forma de amenizar os episódios desse *transtorno*, uma pesquisa o fez localizar seus sentidos e sentimentos, ao que no passado tinham protocolos de tratamento e também condutas, por isso nos contactou. Naquele contexto em que a ansiedade era debatida, existia uma disputa grande sobre o assunto, em que por alguns era dito como um processo que a própria sociedade e suas condições sistêmicas promoveram como patologização.

IE0 convoca uma atenção híbrido simbiótico e simpoiético de psico ciborgue, junto com este serviço ele deverá receber em alguns dias um ser biológico, ele não tem ideia do que chegará por um drone até sua cápsula/traje.²

- SEGUNDA SESSÃO -

Ele consegue facilmente entrar em transferência e já compartilha muitas lembranças da sua vida, momentos em que ele tomou decisões, até já julga serem, ou talvez tivessem sido, equivocadas, também não sabe direito se era possível termos chegado até aqui sem que isso tivesse acontecido, pois levaram sua imagem a exposição, embora também acredite que tenha sido levado a essas decisões, quando as tomou, o mundo vivia uma grande crise econômica, mas não somente, também era uma crise política, ético, estética, mas sobretudo um momento em que a humanidade experimentava um processo de simbiose protético-tecnológica. Naquela época ainda vivíamos somente com o nosso próprio corpo, e nossas próteses eram, ainda separadas dos corpos. Habitávamos os espaços urbano-arquitetônicos e também os virtuais por interações com aparelhos ditos naquela época como multimídia, diziam que o mundo ia acabar!!

... o mundo não acabou, pelo menos não como imaginávamos, ou nos faziam imaginar...

Uma parte da nossa população, considerada elite, inclusive muito poderosa e tecno feudalista,

¹ Patologização e medicalização da vida, problematização crítica desde a genealogia de Foucault a história da loucura como também estudos da Sandra Copini, Marta Verdi, Fabíola Stolf Brzozowski, Paulo Amarante, Ana Maria Fernandes Pitta, Walter Ferreira De Oliveira, ou no próprio trabalho do Paul Preciado em *Testo Jukie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*.

² A Relação que nós estabelecemos com os espaços, acontecem através de um traje, orgânico, o tamanho tende a variar quanto a capacidade que cada consciência adquire e como cada um se autodesenvolve, este traje serve como uma prótese que desenvolvemos entre organismos biológicos que se constituem entre o reino animal, vegetal e mineral, é uma arquitetura biomimética, uma extensão do corpo/mente.

gostaria de ter nos colocado como precariados plataformizados³, e assim foi realmente durante muito tempo, mas como também um membro importante da nossa comunidade, que naquela época nos chamavam de LGBTI++. Hoje essa sigla já não faz sentido algum, já que o que ficou extinto com as transformações sócio espaço temporal, foram as tais dissidências de gênero e sexualidade, pois aquilo que era chamado de heteronormatividade, primeiro ficou em completa decadência, até que os que assim se identificavam, passaram a não existir mais, Foucault como ficou amplamente conhecido, era uma espécie de estudioso, sábio, ou oráculo, talvez guru, não se sabe direito como podemos hoje entendê-lo, mas ele tinha argumentos que onde havia poder e opressão, também haveria resistência⁴, assim como ele, existiam muitos outros, e alguns deles defendiam que seriam as multidões⁵ que substituiriam os agrupamentos organizados do poder, o tal membro, esse tal Foucault, também dedicou muito de seus trabalhos a entender, descrever e até compreender como a sociedade produzia e era produto de questões que envolviam a sexualidade⁶, outro membro da comunidade que assim como o anterior, durante muitos anos veio desenvolvendo contribuições um tanto disruptivas sobre este assunto, foi Preciado, ele tinha como uma de suas defesas o fato de que aquele momento tudo que aquela elite dominante havia consolidado de forma compulsória como sociabilidade, uma organização que se impunha de forma binária estava por desmoronar⁷.

Como por exemplo quando um presidente de o que achavam ser o maior império da história, talvez o tenha sido, onde até então movimentos de poder se organizavam ciclicamente alternando por ordens hegemônicas imperiais⁸, tentou ironicamente, acabar por um decreto toda a multiplicidade da sexualidade, diversa, plural e fluída com que hoje vivemos em harmonia, ou em uma disputa somático, política, tecnocossocialista farmacopornográfica equilibrada, ou ainda que pelo menos consciente e não mortífera.

O que também acreditavam, era que, a política estava a morrer, essa também não morreu.

- 25 SESSÃO -

O cliente traz à tona memórias de um pesquisador do qual compartilhou suas experiências na época, justamente de quando começou a ter seu processo de trabalho pornificado⁹. Foi durante essa época que ele conseguiu furar a bolha do sistema e hackear os meios de produção que naquela época se davam em avanço para um modelo neoliberal financeirizado¹⁰, uma condição muito abstrata e com respaldo num contexto pouco material baseado na confiança. Fizeram uma quantidade imensa de pessoas de muitos tipos de culturas distintas, acreditar em uma espécie de

³ POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização (Platformisation, 2019 – tradução: Rafael Grohmann). Revista Fronteiras – estudos midiáticos 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. Unisinos – DOI: 10.4013/fem.2020.221.01.

⁴ FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

⁵ HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. Multidão: Guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

⁶ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

⁷ PRECIADO, Paul B. Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

⁸ Parece contraditório, mas algumas ordens políticas da época se afirmavam como uma coisa, mesmo assumidamente com estas características ou não, algumas ordens imperiais se organizavam como democracias, até monarquias constituíram parlamentos e se manifestavam constitucionais nos estados de direito.

⁹ BECCARI, M. N. A pornificação do trabalho: uma reflexão a partir de Paul B. Preciado. V!RUS, São Carlos, n. 21, Semestre 2, dezembro, 2020. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus21/?sec=4&item=2&lang=pt>>. Acesso em: 13 Fev. 2025.

¹⁰ WENDY, Brown. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.



entidade que denominavam mercado, que estava binariamente associado a outra entidade, mas essa com manifestações até um tanto materiais, o dinheiro.

Confiança se pode entender como uma grande história do qual era necessário um aparato publicitário midiático muito complexo que envolvia todas as esferas da nossa sociedade e das democracias, desde campanhas políticas e eleitoreiras até toda indústria cultural da época, da venda de produtos de consumo, como os eletrodomésticos que serviam a melhoria da vida privada, como o cinema, e todas as produções audiovisuais. Para dominar as pessoas ou às, governar, controlar, era preciso disputar não somente as narrativas presentes, mas também as futuras, e sobretudo as do passado.

Essa narrativa sobre a confiança no mercado, no dinheiro e nesse sistema como um todo, se sobressaía, embora nunca tenha sido sequer amparada na realidade, muitos foram os que pensaram sobre, criaram teorias e analisaram esse discurso, se tratava de uma ficção, *assim como tudo que aqui está posto*. Estamos construindo estórias outras, capazes de produzir ou autoproduzir, ou pelo menos colaborar com a nossa autopoiese e assim constituir nossas espacialidades mais íntimas, e que a partir delas, nos darmos as condições de uma espacialidade coletiva mais amigável.

Para esse processo que nosso protagonista (*IEO*) está se colocando como cliente, deste exercício híbrido simbiótico e simpoético de psico ciborgue, também se faz, no uso dos fundamentos revolucionário Marx-feminista-socialista que a senhora Haraway¹¹, ela era assim como aqueles outros já mencionados alguém que se dedicava a nos compreender, ela formulou o que chamava de ficar com o problema, em que defendia fazer isso com alegria, terror e pensamentos generativos coletivos, aqui fazemos uso de uma defesa dela, de fazermos isso nos relacionando multiespécie e também multi inteligências, neste caso o que estamos chamando aqui de um esforço terapêutico, para entender os sentimentos do cliente, através do contato com espécies companheiras¹², ela embora talvez fosse simpatizante das dissidências sexuais, ao que me parece não fez parte dos aqui hoje posto como *homoopornoeroticus*, ela fez fortes contribuições, mas manteve uma vida publicamente heterossexual monogamica, embora seu trabalho tenha alçado possibilidades de não nos limitar ao que a sociedade esperava de seus integrantes, era uma transgressora, e ajudava a tensionar os tecidos intelecto(in)consciente da nossa mente.

Para tanto estamos sendo paciente com o cliente deste esforço do qual fomos convocados, em que ele deve elaborar sua sensibilidade, pensar sua vida e suas subjetividades a partir da expansão de sua consciência, nas relações diretas e indiretas com as IAs e as inteligências comunicacionais de outros seres biológicos¹³, de outros tempos, através de movimentos conscientes nas noções de tempo que eram dominantes no passado, ele relata que sempre tratou animais como animais, onde cachorro é simplesmente um cachorro, embora goste deles e não tolere as cigarras, foram justamente os companheiros que recebeu do nosso atendimento, o colocando a reflexão, ao ser colocado em contato com suas memórias.

Um desafio aqui, e poderá ser, que venha ser, justamente fazer com que ele se relacione com essas

¹¹ Influente pensadora que permeia essa fabulação com toda sua obra, dos manifestos, suas proposições e também suas posições socialista e feminista com o carácter ético estético e políticos deste trabalho.

¹² HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. Trad. Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2021.

HARAWAY, Donna. Manifesto das espécies companheiras.

¹³ Como a autora de O que diriam os animais? ou do Auto-BIO-grafia de um polvo, Vinciane Despret.

espécies, tanto os cachorros, e aí procurando uma nova percepção sobre essas espécies, tanto vivendo de forma companheira com os cães, mas também passando a conviver com as até então intoleráveis cigarras.

- 50 SESSÃO -

O cliente não estava bem, não quis desenvolver nada no nosso encontro, passamos um tempo nos olhando, nos observando, pude perceber melhor o espaço que ele permite compartilhar, hora parecia amplo, mas quando ele se sentia acuado reduzia drasticamente a aderência em si, nós mal podia perceber a presença das cigarras, questionado sobre a cadela que recebeu, ele não quis falar sobre o assunto.

Estávamos aqui e ele de frente conosco, o que no passado ou na noção que se tinha dele, ficávamos divididos, os espaços, por meio das tecnologias, hoje já são pouco percebidas, nossa noção espacial está posta no campo da consciência, onde as relações de tempo, nossas dimensões que ficavam separadas no espaço-tempo, memórias tinham todas uma outra constituição, assim como nossos corpos e nosso deslocamento, que agora se dão por entre todas essas questões, o corpo, as espacialidades e com elas a arquitetura e nossas sociabilidade urbana, não se estabelecem mais nos planos cartesianos e nos eixos que durante muito tempo foram dominante nos muitos campos, como a matemática, física, a arte e as representações de uma maneira muito ampla.

- 51 SESSÃO -

IEO compartilha que tem entendido este momento da sua consciência como cíclico, como uma espécie de dobra no tempo, naquilo que se faziam no passado entender como tal, ele trouxe que, percebeu essa reviravolta em sua vida, que provocou essas emoções passadas, quando teve acesso a um backup de suas experiências, e que em algum momento essas memórias tinham sido guardadas por trazerem a tona algumas dessas sensações, também compartilhou, como tem sido importante a convivência com suas intolerâncias pelas cigarras, já que foi através delas, que tem rememorado que naquela época quando começou a mediatizar¹⁴ sua sexualidade, ele foi se sentindo confortável com a exposição, justamente quando começou a conviver com mais pessoas, que assim como ele, já faziam seu sustento econômico através dos mesmo processos que estava se dispondo.

Compartilhou inclusive que no início daquela experiência pornotópica¹⁵ ele se quer estava consumindo pornografia e tem certeza que o que levou ele fazer aquilo foram as condições de precarização da época, compartilhou que tinha feito outros trabalhos de plataforma, como motorista dos carros, ele se quer lembrava, que um dia eles existiam, para além das nossas miniaturas colecionáveis, e sim ele com certeza preferia mostrar a pica na internet que ficar horas no volante, algumas coisas, foram, o fazendo, ficar mais confortável com a situação, uma delas, sem dúvida era o dinheiro, o fato de ter começado a render muito como performer, o colocava em uma situação menos incomoda.

¹⁴ Gomes, P. G. (2016). Mediatização: um conceito, múltiplas vozes. Revista FAMECOS, 23(2), ID22253. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22253>

Mintz, A. G. (2019). Mediatização e plataformização: aproximações. Novos Olhares, 8(2), 98-109. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2019.150347>

¹⁵ Aqui também faz parte do trabalho influente de Paul Preciado, que permeia toda esta fabulação, sua tese, um ensaio que constrói o termo Pornotopia.

Como já foi anotado, foi o dinheiro que o levou a viver como onlyfaner¹⁶, aquela tal entidade material associada ao sistema de acumulação capitalista e financeiro, ele não era um usuário assíduo de redes sociais e nem de promover sua autoexposição¹⁷ antes, o que inclusive essa exposição trazia vários desconfortos quanto à sua imagem, um movimento que se fazia forte como cobrança deste sistema que era interpretado pelo colega já mencionado Preciado, como tecnocapitalismo farmacopornográfico. Para ele, nossas subjetividades eram constituídas por um conjunto de condições que foram se permitindo no decorrer do estabelecimento deste sistema, como dependentes desses pilares tecnológicos, e/ou das químicas farmacoterapêuticas e das manipulações e exposições corpográficas.

Ele era relativamente jovem quando começou a fazer os vídeos, assim como muitos dos quais ele compartilhava dessas atividades e com o qual fazia colabs, para produção desses tais vídeos pornográficos. Estavam entre 25 e 30 anos de idade, ele tinha 28, era alto, um homem esguio e longilíneo, pelos pelo corpo bem atlético, além de ter um atrativo importante para uma sociedade falocêntrica e patriarcal misógina e machista, além claro de lgbtfóbica daquela época.

Ter um pênis grande não era uma espécie de requisito que se exigisse, mas com este atributo acrescentava um certo atrativo para a monetização da sua imagem por plataformas. O que ele tinha era visto como um enorme mastro. Além de fazer uso das plataformas populares para o porno¹⁸, ele assim como seus colegas, tinham que manter ativas suas vidas íntimas nas outras plataformas de redes sociais¹⁹, como o instagram, e o twitter/x, essa insegurança que ele relatava nas suas memórias de backup, com certeza não tinham relação com o tamanho da sua rola.

Talvez estar magro demais, não investir tanto tempo em musculação, preferindo mais atividades como yoga, ou talvez esse desconforto, vinha de algo no seu rosto, naturalmente essa relação em ser visto e se ver o tempo todo pelas telas, os levavam muito a este tipo de cobrança, alguns de seus colegas inclusive pelo mesmo motivo, vinham já passando por inúmeros procedimentos, que faziam alterações ao *corpo*, além de muitos deles fazerem usos de hormônios para reforços do gênero que se faziam impostos como padrão por aquela sociedade e suas sociabilidades binárias virtuais e presenciais.²⁰

- 64 SESSÃO -

Ele hoje se apresentou muito mais livre, deu pra perceber muito sua espacialidade consciente, e ele também permitiu que este serviço conseguisse uma leitura mais interessante de suas espacialidades, o que fez este assunto ser trazido para as nossas conversas, ele compartilhou que no início seus vídeos eram feitos na casa do casal com que mantinha relações afetivas em trio, uma condição afetiva que começou entre os três quando os outros dois já tinham uma convivência

¹⁶ onlyfans e privacy eram as duas plataformas mais populares no país, embora não fossem as únicas. NEVES, Thiago Tavares das; GELAIN, Gabriela Cleveston; BUDAG, Fernanda Elouise. O OnlyFans, pornotopia ou busca de sentidos?. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação .data – Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202322483264dd7c70c2058.pdf Acesso em: 29 jul. 2024.

¹⁷ Essa prática já era popular e completamente naturalizada, como apresentou a estudiosa de O show do eu, Paula Sibília.

¹⁸ <https://onlyfans.com/> e <https://privacy.com.br/>

¹⁹ Ainda sobre o Show do eu de Paula Sibília.

²⁰ Os pilares que Paul B Preciado propôs, no caso o farmacopornográfico.

e um tempo de relacionamento relativamente longo e de maior intimidade.

Ele disse: eles já tinham a casa deles.

Ele naquela época morava em outra cidade, e a relação foi se diluindo justamente pela distância, assim como ele precisava viajar para os encontros, o casal que agora se relacionava a três com ele, para se encontrarem, precisavam fazer estes deslocamentos, eles vindo e ele indo. Quando viajavam para a cidade que ele residia, faziam uso de outro serviço de plataforma²¹, o de contrato por uma espacialidade temporária, era como contratar para um momento predeterminado, por um período, uma arquitetura constituída para fazer as vezes de uma hospedagem. Na época o cliente dividia um apartamento com aluguel tradicional com uma amiga e o tio da amiga, embora fosse uma convivência cuí²² interessante, não gostava de fazer os encontros neste espaço mais íntimo.

Para ele, gravar em casa era somente uma opção, em casos, fossem acordos de colaboração específicos, somente os com algum interesse afetivo. O que parecia ter certa divisão no início das suas atividades como performer pornográfico, as colaborações pareciam ser movidas por interesses diversos. Alguns acordos destes, para as collabs, pareciam ter interesse maior, com alguma intimidade, alguns eram por puro tesão, e a invasão das tecnologias multimídias iam se dando conforme essas intimidades iam se dando também. Em outras collabs os acordos tinham um impacto puramente mercadológico, baseado em questões comerciais, um fazer com, que tinha por premissa, a troca de interesses mais pragmáticos e nada emocionais como alcançar os seguidores de quem estava fazendo as produções, e com isso angariar maiores assinantes para suas plataformas de mediatização e pornificação da vida, nesse processo da financeirização capitalista platformizada.

As plataformas vinham atravessando as transformações sócio espaço temporal de maneira transversal, o processo foi radical e avassalador, muitos como ele, começaram seus processos de pornificação também pelo dinheiro, mas tinham sido motivados para sobreviverem a um acontecimento histórico muito importante que provocou a aceleração da vida digitalizada, produzindo um impacto total nas atividades humanas, no trabalho, na educação, na maneira como habitavam os espaços. O acontecimento ficou conhecido como a pandemia de COVID-19, foi um fato definitivo na vida de uma ampla maioria da população, pois o vírus provocava uma doença mortífera, se fazia necessário assim uma condição de isolamento, já que a transmissão se dava pelas vias respiratórias, como uma forma de proporcionar condições para nossa sociabilidade segura, todos passaram a achar meios de interação no campo das comunicações em rede.

Fomos impulsionados a levar uma vida digitalizada, junto com nossas relações biológicas de interação, nos levando, nossos organismos até então totalmente vinculados ao corpo humano orgânico e sem traje de proteção, a uma experiência solitária, ao que antes eram nomeados como as casa, o que para a época era uma condição de habitação espacial, que inclusive ainda não era comum a compreensão de todos, de que as casas eram uma extensão dos nossos corpos, assim como as tecnologias multimídia, eram apenas protéticas, no caso da arquitetura inclusive sequer era compreendida como protética. Esse acontecimento sanitário, também é possível refletir, como sendo responsável para uma ampliação dessa compreensão entre as pessoas, de que os espaços

²¹Os aplicativos como Airbnb, mas também uma alteração significativa por toda a produção imobiliária vejam em: TEPASS, Ângela Cristina; KLINK, Jeroen Johannes. O direito à moradia e à cidade diante das plataformas imobiliárias de aluguel e administração de imóveis. REVISTA CIÊNCIAS DO TRABALHO Nº 21 ABRIL DE 2022

²² termo português dos estudos do qual o companheiro Preciado era cofundador. ESTUDOS QUEER.

que vamos habitando se dão como uma extensão de nosso corpo/mente/alma.

- 76 SESSÃO -

O cliente tem apresentado desconfortos espaciais...

Além da COVID 19, não é possível por uma data ou fato histórico que tenha sido determinante para que a gente tenha mudado as condições de como chegamos na maneira como nossa habitabilidade consciente chegou, e quando foi que nossos corpos expandiram seus sentidos para além da forma, e passaram a fazer dos espaços urbanos-políticos o espaço também para além do prazer, quando Preciado propôs o termo pornotopia ele tinha um estudo minucioso semiótico-material da mídia, para desenvolver esta tese, ele estudou uma mídia que era impressa e muito popular de comunicação pornográfica, mas junto dela associava toda um universo de interesses de gênero, o que era compreendido como masculino, o conteúdo daquele material usava o que era visto como obsceno como uma espécie de isca para convocar aos homens, a uma nova forma de lidar com suas subjetividades, provocando uma profunda mudança daquilo que até então, o estado tentou fortemente conduzir na moral da sua população, ele observou como aquele material se tornou poderoso e influente deixando um campo vasto para quando a internet chegou.

Quando a internet nos foi apresentada, os produtores da pornografia já sabiam, o quanto ela tinha um poder enorme sobre o interesse das pessoas que saíram de uma moral proibitiva da sociedade de controle, para uma sociedade que tudo podia. Era o mesmo terreno em que se estabelecia o neoliberalismo, uma espécie de adaptação do sistema de produção que estava em crise, o capitalismo, tudo nele ainda era mato, essa expressão muito comum para quando o COVID se deu como realidade, em que os pioneiros usuários da internet se colocavam como, os que quando começaram, *por aqui ainda era tudo mato*, nada ainda se edificava.

Essa relação entre o digital e o universo que consideravam real²³, se entendia como a inversão do digital, o que se era atual, hoje até a leitura de atual que se fazia mais coerente para a compreensão do virtual, também já não é tão lúcida, já que hoje o campo do consciente e o do inconsciente estão no limiar entre o que é tempo e espaço. Naquele contexto onde se dava ao virtual também o poder de realidade, e associava entre o real e o virtual uma questão que estava em constante atualização, e portanto, era o que estava contraposto ao virtual, o atual, e com isso permitia a sua constante acumulação daquilo que tinha caráter virtual. Bem, hoje nossa capacidade de assimilar o que é um acontecimento no tempo, o que se faz como um produto de ficção, ou mesmo aquilo que é produto de alguma outra inteligência, e é capaz de condicionar a atualização do que até então estaria no campo da virtualidade, é bastante turva para se colocar no campo do verbal, mas no campo perceptivo tudo se faz muito orgânico, ou tecnologicamente adaptado ao orgânico.

Assim desde o advento das descobertas biológicas de transferir consciência e da simbiose entre o que se fazia parte do campo da mente e que poderia se estender para corpos outros, hoje nossa prótese habitat é nossa espacialidade mais íntima, mas também é parte do nosso corpo, é também além de corpo, espaço do nosso trabalho, do nosso prazer, da nossa sexualidade, fazendo assim a atualização permanente dos estudos sobre, a arquitetura, o urbanismo, a política, a sexualidade nossos meios de produção e nossas espacialidades outras.

²³ para o autor Gilles Deleuze em seu ensaio O atual e o virtual, publicado no Brasil em um Volume que fora apresentado por outro autor o Éric Alliez em Deleuze filosofia Virtual, publicação da editora 34.

IE0 tem estado menos incomodado, seu processo autopoietico de devir-com e de um devir-biotecnopornoeroticos está por sua assimilação entre o que não se pode mais dividir mas sim manter em constante simbiose.

...nós somos a casa, nós somos a política, nós somos, pelo menos, parte da nossa maneira se de se estabelecer espacialmente e sexualmente no campo das relações entre consciência e inconsciente, fabulando/compreendendo nossas histórias outras

Considerações finais

Concluimos que este trabalho se apresenta como uma história de uma pessoa dissidente de gênero e sexualidade, e naturalmente uma pessoa que viveu todo tipo de exclusão, inclusive espaciais. As mudanças espaço comportamentais que foram experimentado pósCOVID19, levaram essa parcela da população a se organizar quanto comunidade e encontrar meios e saídas para viver, e este ensaio assim como a tese do qual esta fabulação é parte experimental, se da a partir da financeirização, plataformização e pornificação dos modos de produção, da forma como o trabalho se constitui, da vida em si, e sendo através desse movimento que pessoas LGBTI+ foram se constituindo como corpo/casa, um trabalho sexual que atravessado por todo tipo de precarização legal vem permitindo viver com autonomia e dignidade, uma forma, consensual, de viver suas espacialidades e sua sexualidade.

O ensaio não se esgota como análise, ao contrário ele é um movimento ainda bastante inicial, mas que alinhava percepções e experiências em ficções porno/tecnopolíticas um devir tese, ensaiando fabulantopias.

Referências

ALLIEZ, Éric. **Deleuze: filosofia virtual**. Tradução de Heloisa B.S. Rocha. São Paulo: Editora 34, 1996.

BECCARI, M. N. A **pornificação do trabalho**: uma reflexão a partir de Paul B. Preciado. V!RUS, São Carlos, n. 21, Semestre 2, dezembro, 2020. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus21/?sec=4&item=2&lang=pt>>. Acesso em: 13 Fev. 2025.

DESPRET, Vinciane. **Autobiografia de um polvo**: e outras narrativas de antecipação. Tradução de Milena P. Duchiade. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Eduardo Porto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. G. Albuquerque. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado - 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

GOMES, P. G. (2016). **Midiatização**: um conceito, múltiplas vozes. Revista FAMECOS, 23(2), ID22253. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.2.22253>

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Trad. Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2021.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução de Pê Moreira. Revisão técnica e posfácio de Fernando Silva e Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

HARDT, michel; NEGRI, Antonio. **Multidão**: Guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

MINTZ, A. G. (2019). **Midiatização e plataformização**: aproximações. Novos Olhares, 8(2), 98-109. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2019.150347>

NEVES, Thiago Tavares das; GELAIN, Gabriela Cleveston; BUDAG, Fernanda Elouise. **O OnlyFans, pornotopia ou busca de sentidos?**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação .data – Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202322483264dd7c70c2058.pdf Acesso em: 29 jul. 2024.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. **Plataformização** (Platformisation, 2019 – tradução: Rafael Grohmann). Revista Fronteiras – estudos midiáticos 22(1):2-10 janeiro/abril 2020. Unisinos – DOI: 10.4013/fem.2020.221.01.

PRECIADO. Paul B. **Aprendendo com o vírus**. (28/03/2020) [INTERNET]. <http://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/>. Acessado em 8 de agosto de 2021.

PRECIADO, Paul B. **“Cartografias ‘Queer’: O ‘Flâneur’ Perverso, A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia ‘Zorra’ com Annie Sprinkle”**. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. eRevista Performatus, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017. ISSN: 2316-8102. <https://performatus.com.br/traducoes/cartografias-queer/> Acessado em 28 de agosto de 2021.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrasexual**. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro, - São Paulo, SP: N-1 edições, 2015.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia: playboy e a invenção da sexualidade multimídia**. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro, - São Paulo, SP: N-1 edições, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie** Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro, - São Paulo, SP: N-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em urano**: crônicas da travessia, São Paulo: Zahar; 1ª edição, 2020.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-organico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto 2015.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto 2016.

TEPASS, Ângela Cristina; KLINK, Jeroen Johannes. **O direito à moradia e à cidade diante das plataformas imobiliárias de aluguel e administração de imóveis**. REVISTA CIÊNCIAS DO TRABALHO Nº 21 ABRIL DE 2022

WENDY, Brown. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.